

## **DE QUANTAS FORMAS POSSO CONTAR UMA MESMA HISTÓRIA? (OU A EXPERIÊNCIA DE CRIAR UM CANAL NO YOUTUBE)**

### **HOW MANY WAYS CAN I TELL THE SAME STORY? (OR THE EXPERIENCE CREATING A YOUTUBE CHANNEL)**

Marcia Strazzacappa Hernández<sup>1</sup>

#### **Resumo:**

O presente ensaio apresenta a trajetória e analisa os resultados da criação do canal “Histórias para criança” no YouTube, fruto de uma pesquisa temática artística sobre contação de histórias intitulada “Era uma vez uma história contada outra vez: educação, memória, imaginação e criação”. Identificou-se que os contos clássicos universais como “Os três porquinhos” de Joseph Jacobs e “Chapeuzinho Vermelho” escrito pelo francês Charles Perrault e divulgado pelos Irmãos Grimm, continuam sendo os mais procurados e assistidos pelas crianças. Diante desta constatação, buscou-se encontrar outras formas de se contar a mesma história, explorando materiais como objetos, tecidos, percussão corporal, lançando mão de recursos oriundos da dança, do teatro e do trabalho com clown. A abertura do canal e seu uso dentro da formação inicial e continuada de professores de educação infantil tem colaborado para a ampliação do repertório destes profissionais e para a desmistificação do uso das tecnologias em sala de aula.

**Palavras-chave:** YouTube; contação de histórias; contos infantis; corpo.

#### **Abstract:**

This essay presents the trajectory and analyzes the results of the creation of the channel “Histórias para criança” on YouTube, the result of an artistic thematic research on storytelling entitled “Once upon a time a story told again: education, memory, imagination and creation”. The research concluded that the Classical universal tales such as Joseph Jacobs’s “The three Little pigs” and “Little Red Riding Hood” written by the Frenchman Charles Perrault and released by the Brothers Grimm, remain the most searched and watched by children. Facing this reality, we decided to find other ways to tell the same story, exploring materials such as objects, fabrics, body percussion, using resources from dance, theatre and clown work. The opening of the channel and its use within the initial and continuous training of school’s teachers have contributed to the expansion of the repertoire of these professional and to the demystification of the use of the technologies in the classroom.

**Keywords:** YouTube; Channel; Storytelling; tales for kids; body.

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil. E-mail: [marciastrazzacappa@yahoo.com.br](mailto:marciastrazzacappa@yahoo.com.br)

## **Toda história tem um começo**

Filha do meio de uma família de cinco irmãos, costumava contar histórias para os dois caçulas na hora de dormir. A história preferida deles era “Os três porquinhos”. Fazia uma voz grave para dar vida ao lobo e uma voz fininha para os porquinhos. Quando a história chegava ao fim, ouvia o pedido: “conta de novo”. E a história se repetia até eles dormirem.

Muitos anos mais tarde, na condição de professora de ballet do curso de iniciação artística da Casa de Chocolate, como era denominado o setor infantil do Conservatório Carlos Gomes em Campinas, interior de São Paulo, contava histórias para as crianças de minhas turmas, ao final da aula, visando o desenvolvimento da criação em dança. Lançava mão do que Paulina Ossona, artista de dança e pedagoga argentina, intitulava como “histórias dançadas” (OSSONA, 1988).

As histórias dançadas serviam para estimular a imaginação das crianças e conduzi-las a explorar movimentos e gestos não padronizados, fugindo daqueles da rígida técnica da dança clássica. Os personagens das histórias eram animais de todas espécies, que rastejavam, saltavam, voavam ou ainda seres de outras dimensões, como fadas, bruxas e duendes, justamente para incentivar a realização de movimentos e ações bem diferentes do cotidiano. Com as histórias, as crianças se transportavam para outros cenários e, individualmente ou em duplas e trios, iam respondendo aos estímulos das palavras e experimentando no corpo novas movimentações.

Ao final da história, para além do que Ossona sugeria, pedia para as crianças recuperarem os gestos que gostaram mais de realizar e pedia para criarem uma pequena narrativa apenas com movimentos, agora sem o texto, ao som de uma música instrumental. Em outras palavras, pedia para as crianças a composição de uma pequena coreografia.

O interessante ao revisitar essas memórias é constatar que, naquela época, já esboçava o que viria a cunhar anos mais tarde sobre o conceito de dança. “Dança são movimentos humanamente organizados segundo uma intenção estética” (Strazzacappa, 2007). Assim como Karenine Porpino,

Compreendemos que a relação entre dançar e contar histórias está na possibilidade de dançar e contar a si mesmo, assim como, na leitura. Pois, ao contar histórias de outros pela via da dança, é sempre contar nossa própria história, é contar os nossos modos de perceber certos detalhes da vida e de nos relacionarmos com o mundo. Quando dançamos as histórias dos outros, é sempre nossa história que contamos, pois não há outro modo

de narrativa, seja gestual ou oral, sem que a pessoa que conta ou dança esteja implicada. (PORPINO, 2013, p.58)

Nas apresentações da personagem clownesca, Dona Clotilde, criada e interpretada por mim desde 2000, a contação de histórias também se faz presente, porém de outra forma. Ao invés de narrar histórias ao público como um contador de histórias convencional, apresento as narrações em forma de gags. As gags, como denominamos tecnicamente as pequenas cenas cômicas, são narrativas curtas, com começo, meio e fim e, no caso da Dona Clotilde, são baseadas em situações reais vividas por pessoas nas mais diversas situações. Até alguns anos atrás não compreendia a Dona Clotilde como uma contadora de histórias. Essa visão mudou quando, ao final de uma intervenção da personagem em um evento do campo da saúde, uma pessoa da plateia compartilhou sua história pessoal comigo para que, por sua vez, ela fosse contada para mais pessoas pela voz de Dona Clotilde. Seu desejo era que sua experiência pudesse servir de reflexão para outros profissionais da saúde. Ao final, ela afirmou que a Dona Clotilde era uma ótima contadora de histórias e que, com suas histórias, o público podia rir de si mesmo e ao mesmo tempo refletir sobre sua prática profissional.

Ao ter tomado consciência do potencial da Dona Clotilde como uma contadora de histórias, passei a dar maior atenção às narrativas, ao cenário, à identificação dos personagens, antes de entrar em cena.

Desta forma, evidencio aqui que meu olhar para a contação de histórias vem contaminado pelas minhas formações de base (dança, pedagogia e teatro) e pelos meus campos de atuação, (educação, arte e clown) ou seja, trata-se de um olhar de alguém que pensa com o corpo em movimento e que encontra na linguagem cômica sua força.

### **Toda história tem um meio**

Contar histórias só se tornou foco de pesquisa há poucos anos e isso ocorreu de forma paulatina. Coloquei o primeiro dedo nesse universo na condição de docente universitária ao ter uma orientanda de mestrado que problematizava a figura do professor personagem em sala de aula no momento de ler e de contar histórias para crianças<sup>2</sup>. Em seguida, mergulhei o

---

<sup>2</sup> Cristina Decico. “O encanto do encontro: o jogo de faz de conta nas relações de ensino”. Dissertação de Mestrado, 2006.

pé ao orientar duas dissertações de Mestrado<sup>3</sup> cujos temas de pesquisa abarcavam a contação de histórias dentro do espaço escolar. Mas acabei entrando de corpo e alma em 2010, ao coordenar um projeto intitulado “Era uma vez uma história contada outra vez: educação, memória, imaginação e criação”<sup>4</sup>. A abertura do canal “histórias para criança” é um dos desdobramentos desse projeto.

A grande contribuição do primeiro trabalho que orientei está na rica descrição de um processo pessoal de transformação vivido por Cristina Decico de professora regular de ensino fundamental para uma professora-personagem contadora de histórias. Essa transformação não foi um ato pensado. Foi a resposta encontrada diante de uma real necessidade ao se deparar com uma turma de quarto ano desmotivada nas aulas de leitura em uma escola confessional na qual acabara de ser contratada. Contrariando vários autores, Decico comprovou que crianças com mais de nove anos de idade podem sim ainda entrar na brincadeira.

A aula de leitura-estudo tornou-se um jogo de faz de conta em que eu também brinco com as crianças enquanto ensino e aprendo. A caracterização do personagem do livro de leitura, desde o figurino até a voz passou a fazer parte do meu plano de aula e, ao longo dos anos, consolidou-se e aprimorou-se em mim como um modo de atuação como professora. (DECICO, 2006, p.31)

A pesquisa de Tânia Santos, a segunda que orientei sobre o tema, identificou como eram constituídas e contadas as histórias inventadas por crianças de 4 e 5 anos de idade de uma escola de educação infantil na qual a pesquisadora atuava como professora. Embora o foco não fosse a professora contadora de histórias e sim as crianças, debruçamo-nos sobre leituras sobre o ato de contar histórias. Por sua vez, a investigação de Lívia Pinheiro Leiria identificava que a escola era “um espaço privilegiado para se ouvir e contar histórias e o principal encarregado dessa atividade é o professor” (LEIRIA, 2011, p. 41). A partir do desejo de saber quais histórias costumavam ser contadas para as crianças e sobre a existência ou não de uma preparação por parte dos professores para contar histórias, Leiria conclui que:

(...) O contador de histórias utiliza o corpo como instrumento de manifestação de sua arte, oferece sua expressão viva para dar brilho e emoção à sequência da natureza. Desta forma, ao contar, o narrador empresta seu corpo para a história a fim de que esta impere para os ouvintes acima de qualquer coisa. (LEIRIA, 2011, p.42-43)

---

<sup>3</sup> Lívia Leiria e Tânia Alves dos Santos, respectivamente: “Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias” (2011) e “Narrativa e dramatização nos entrelugares da educação infantil” (2012).

<sup>4</sup> Projeto Pro-Cultura MinC e MEC/CAPES, numa parceria entre Unicamp, UFG e UFRN.

No projeto de pesquisa temático que coordenei, "Era uma vez uma história contada outra vez: educação, memória, imaginação e criação" buscou-se primeiramente realizar um levantamento, nas diferentes regiões do país, (informo que um dos requisitos para participar do edital era a parceria com universidades de diferentes estados) no caso, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste, sobre histórias, lendas e parlendas de nosso patrimônio imaterial. Uma equipe formada por professores e pesquisadores das três universidades participantes (UFG, UFRN e Unicamp) partiu à procura desse material. A ideia não era fazer um trabalho de documentação, pois esse trabalho já fora feito e vem sendo feito com primor por diferentes organizações e pesquisadores, como a Fundação Câmara Cascudo, em Natal, e a professora Cristina Bonneti em Goiânia, para citar apenas alguns. O objetivo era entrar em contato com o material destas regiões e, uma vez com o repertório em mãos, usa-lo como inspiração para a criação de novas histórias. Sim, o objetivo era criar a partir do existente, afinal se tratava de um edital para artistas criadores, não historiadores nem contadores, tratava-se de um projeto artístico.

O intuito era compor um CD, isto é, um produto somente de áudio, como os disquinhos coloridos de minha/nossa infância para que as crianças, ao invés de ver os personagens como nos desenhos animados, pudessem imaginar seus próprios personagens ao ouvir as histórias, desenvolvendo, assim, a imaginação.

O projeto resultou no lançamento de um CD com 6 histórias, acompanhado de um libreto para crianças; na abertura de um site, no qual se poderia acessar e baixar os áudios e, mais tarde, na publicação de um livro acadêmico voltado aos professores e pais<sup>5</sup>.

Durante a pesquisa, em visita a escolas de educação básica de diferentes municípios, a equipe identificou que muitos profissionais da educação infantil apresentavam um repertório restrito no tocante aos contos, lendas e parlendas, tanto do patrimônio nacional, quanto universal. Por outro lado, era comum encontrarmos professoras com conhecimento de histórias bíblicas<sup>6</sup> e de canções religiosas que ensinavam, contavam e cantavam para as crianças.

Naquele momento, a pergunta que se fazia era: o que poderia ser feito para mudar tal cenário? Como fazer com que professoras e professores da educação infantil pudessem

---

<sup>5</sup> STRAZZACAPPA (ORG.). **Era uma vez uma história contada outra vez**. Campinas: Editora Librum, 2013.

<sup>6</sup> Observação: em recente atividade realizada dentro de uma disciplina sobre os hábitos de leitura de alunas do curso de pedagogia do período noturno, identificou-se que a Bíblia ficou em primeiro lugar como obra mais lida.

ampliar seus repertórios? Claro que não existia uma única resposta para tal questão, ainda mais ao se deparar com um país com dimensões continentais, com uma diversidade linguística, com questões de acesso à informação, dentre outros fatores. O trabalho parecia hercúleo e foi. Devido aos prazos, o projeto se encerrou, porém, o aprendizado obtido ao realizar o mesmo acabou ecoando de forma direta e pontual nas aulas da Faculdade de Educação da Unicamp, mais especificamente, em uma disciplina obrigatória do curso de Pedagogia, a EP 158 Educação, Corpo e Arte.

Essa disciplina, de caráter teórico prático, já foi amplamente estudada, analisada e divulgada em verso e em prosa, em diferentes eventos<sup>7</sup> pelas docentes que com ela trabalham. Um dos objetivos desta disciplina é desenvolver a criatividade dos estudantes individualmente e em pequenos grupos e para isso, explora-se em sala de aula as linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais) e seus diferentes recursos sonoros, corporais, imagéticos, visando ampliar as capacidades criativas e o repertório dos estudantes de pedagogia.

### **Entrando no Youtube**

A criação do canal, embora no início não estivesse ligado nem a minha pesquisa pessoal, nem ao trabalho desenvolvido na disciplina da Pedagogia, acabou por se tornar um material de apoio para a mesma. Não é novidade docentes universitários e/ou professores da educação básica lançarem mão de Internet, Youtube, Sites, entre outros recursos em suas aulas. Porém, percebi o impacto que representou trazer para dentro da sala de aula as histórias do canal que foram protagonizadas por mim. Era como se transformasse o virtual (leia-se inacessível) em real.

Além de mostrar as diferentes possibilidades de se contar histórias, compartilhava os bastidores das filmagens, incluindo a decisão sobre qual recurso usar para qual história, ou ainda, qual técnica a ser usada para representar qual personagem, entre outros.

Nos primeiros meses de vida do canal, identificou-se que os contos clássicos universais como “Os três porquinhos” de Joseph Jacobs e “Chapeuzinho Vermelho” escrito pelo francês Charles Perrault e divulgado pelos Irmãos Grimm, continuam sendo os mais

---

<sup>7</sup> Como Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Endipe; Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Educação, ANPED; Encontro Nacional de Arte e Educação Física de Natal/RN, ENAEF; *International Society of Education and Art*, INSEA; *Centre de Recherche Inter-universitaire sur la formation et la profession enseignante*, CRIFPE, Canada; dentre outros.

procurados e assistidos pelas crianças. Diante desta constatação, para gravar mais vídeos, buscamos encontrar outras formas de se contar a mesma história, explorando recursos e materiais, tais como objetos, tecidos, percussão corporal, entre outros.

Na ilustração abaixo (Fig. 1), apresento um *print screen* da página na qual se pode visualizar alguns dos diferentes recursos usados, como tecidos de diferentes texturas, cores, mãos e objetos de cozinha (canecas e filtro de café).



Figura 1: *Print-screen* da página do canal, realizado em 10 de abril de 2017

O número de acessos a essas histórias no canal confirmou a preferência pelos clássicos. Reporto-me à introdução do presente texto quando afirmei que “Os três porquinhos” era a historinha predileta de meus irmãos caçulas quando eu ainda era criança. Os anos se passaram e o encantamento com determinadas histórias continua o mesmo. Mas, o que esses dois contos têm em comum?

Em primeiro lugar, um lobo, isto é, um personagem malvado. Em segundo lugar, a repetição.

Não vou aqui discorrer sobre os personagens malvados nas histórias infantis, nem



sobre a relação entre os contos de fadas e a psicanálise<sup>8</sup>, pois o tema em tela é a tecnologia. Porém, não posso deixar de destacar o que os números apontam, afinal não se trata de uma coincidência o sucesso de histórias com lobos. Por mais que alguns professores, sobretudo da educação infantil, além de pais e pastores religiosos sejam favoráveis (e por vezes me cobrem) uma pasteurização dos contos, com a retirada dos conflitos, a eliminação de personagens malvados e a sublimação de qualquer violência, defendo a importância da permanência e da existência de todos, sejam bruxas, vilões, lobos, sapos, fadas, mágicos, príncipes e princesas. Afinal, é pelos contos de fada que a criança entra em contato com suas questões existenciais e aprende a lidar com seus medos, dúvidas, ansiedades e temores. É pelo conto de fadas que a criança elabora esses sentimentos, ao mesmo tempo que sonha, imagina, deseja e encontra soluções para seus conflitos internos.

Exemplos típicos de pasteurização podem ser vistos em versões de histórias como “Chapeuzinho Vermelho e o lobo que não era tão mal”, ou em canções infantis como “Não atirei o pau no gato”, entre outros.

O canal não apresenta vídeos pasteurizados. Apresenta histórias com objetos, canções infantis, trava-língua, parlendas e algumas histórias sem texto. Eles foram feitos para as crianças pequenas, da primeira infância, logo, para o público com o qual os estudantes do curso de pedagogia irão trabalhar.

Os vídeos estão lá para serem vistos e inspirar. Não para serem copiados, embora isso fuja do controle. O intuito é que inspirem pessoas sobre outras possibilidades para se contar histórias, para além da leitura e do manuseio de livros, incluindo aí o corpo como eixo. Também almeja colaborar na ampliação do repertório das crianças, de profissionais de educação infantil, de familiares e de cuidadores sobre contos, lendas e parlendas.

A abertura do canal contribuiu para a desmistificação do uso de tecnologias, algumas das quais, ao alcance de todos. Com uma câmera na mão e um simples editor de imagens, pode-se fazer muitas coisas.

As inspirações para os vídeos foram/são várias: observação de brincadeiras de crianças, memórias de infância, histórias que ouvia, canções que cantava. Em entrevista publicada dia 12/05/2016 na página da Faculdade de Educação da Unicamp, sobre inspiração para as histórias do canal, afirmei:

---

<sup>8</sup> Para isso, vide a obra de Bruno BETTELHEIM: **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002 e o artigo de ARCHANGELO e CHEVBOTAR “Algumas considerações sobre a difícil tarefa de se tornar um professor contador de histórias”.



Tudo pode servir de inspiração. (...) O mundo é uma fonte inexorável de ideias, basta você abrir a mente para ver além da forma, além da função, além da coisa em si. (<https://www.fe.unicamp.br/pesquisa/noticias/1-2-3-qual-a-historia-desta-vez>)

A maior inspiração, no entanto, foi um antigo quadro de um programa voltado ao público infantil da TV Cultura, o “Ra-ti-bum”, do início da década de 1990. No referido quadro, uma contadora de histórias usava objetos do cotidiano para contar histórias, cenas curtas, transformando objetos caseiros em personagens, aguçando a imaginação dos pequenos. À época, minha filha era criança e assistia em sua companhia o programa que considerava de muito boa qualidade.

Não realizei pesquisas em outros sites nem em outros canais. Meu intuito era propor uma resposta direta a um desejo, sem buscar inspirações de canais já existentes, evitando, assim, sofrer algum tipo de interferência direta ou indireta para além daquilo que guardava na lembrança: a contadora do “Ra-ti-bum”.<sup>9</sup>

A decisão de não assistir televisão, por vezes, causa alguns constrangimentos, quando não conheço um determinado ator de novela, ou não sei sobre uma publicidade que tem criado polêmica, por exemplo. Por outro lado, isso tem permitido lançar perguntas aos interlocutores com o frescor de alguém que acaba de tomar conhecimento sobre um assunto. E é esse frescor que busco quando decido gravar uma história. A história pode ser velha e conhecida, porém a forma como é/será contada deve buscar o inusitado.

Durante as gravações, na condição de professora universitária e pesquisadora, resolvi ir às fontes e buscar as histórias em sua língua original, antes de passar por traduções, recriações e/ou versões. No caso da história de “Chapeuzinho Vermelho”, para dar um exemplo, li a original de Charles Perrault, em francês e as versões dos Irmãos Grimm. Não pude usar a original que continha trechos de cunho sexual e não se enquadrava como conto infantil. Assim, optei por usar uma versão da história para a gravação.

### **Toda história tem um fim**

---

<sup>9</sup> Abro parênteses aqui para informar ao leitor que há mais de 6 anos não assisto televisão. Foi uma decisão construída aos poucos. Ao voltar ao Brasil, depois de meu doutoramento na França, resolvi não assistir mais a Rede Globo. Depois, em 2011, decidi definitivamente não assistir mais televisão. Uso jornais impressos, rádio de notícias e a Internet para me manter informada. Para assistir a filmes, vou ao cinema. Para acompanhar séries e documentários, acesso o *Youtube*.

A investigação decorrente da divulgação do canal ainda está em fase inicial e prevê analisar as diferentes interpretações que têm sido dadas pelas crianças sobre histórias contadas apenas com gestos e/ou numa língua inventada<sup>10</sup>. No caso da história “Mimimi, Mamama”, uma estudante de Pedagogia relatou sobre as diferentes interpretações dadas à mesma pelas crianças de um primeiro ano do ensino fundamental, em que situações vividas por elas em casa são trazidas para o cenário.

A história supracitada mostra um evento de repetição em que, após três tentativas, o protagonista finalmente obtém sucesso. As crianças assistiam ao vídeo e narravam, de forma geral, a seguinte história:

Era uma vez uma criança que queria muito um brinquedo.  
Pedi para o papai, mas ele disse “não”.  
Pedi para a mamãe, mas ela também disse não.  
Pedi então para a vovó e ela, finalmente, comprou o brinquedo.

Outra versão, que apresenta um cenário mais dramático, porém real, dizia:

Mamãe foi falar com papai e ele gritou com ela.  
Ela tentou de novo e o papai gritou ainda mais forte.  
Então mamãe foi embora morar com a vovó.

Atentamos para o fato de que, por mais de uma vez, a figura feminina da avó surgiu como a heroína e/ou salvadora do embate. Não vamos aqui apresentar as demais histórias que foram trazidas. O objetivo foi mostrar por meio desses dois exemplos o potencial presente nas histórias sem textos falados em português. Mais que abrir espaço para as vozes das crianças, elas permitem a revelação de situações muitas vezes silenciadas. Mas será que isso ocorria apenas junto às crianças?

Fiz uma experiência em sala de aula numa turma de estudantes de terceiro ano de várias licenciaturas, dentre as quais matemática, física, química, letras, música e ciências sociais. Pedi aos estudantes que assistissem ao vídeo “Mimimi, Mamama” e, em seguida, organizados em trios, contassem a sua versão da história. Embora em menor número, situações vividas pelos estudantes no dia a dia universitário se tornaram pano de fundo da narrativa. Uma das histórias foi:

Pedro cursou cálculo e não entendeu nada que o professor explicou.  
Fez novamente a disciplina, mas com um professor ainda pior que o primeiro e ele continuou sem entender nada.

---

<sup>10</sup> Vejam as histórias “Mimimi, Mamama” e “A princesa do Gromelô” do canal.

Na terceira tentativa, com ajuda de um monitor, Pedro conseguiu passar em cálculo.

A narrativa acima serviu de mote para uma ampla discussão em sala sobre a formação do professor universitário, sobre o papel do docente na universidade, sobre a condição de docentes que preferem ser pesquisador a dar aulas na graduação, sobre as disciplinas denominadas (equivocadamente) como “disciplinas de serviço”, sobre a presença de orientandos de pós-graduação na condição de monitores da graduação do programa de estágio docente (PED) entre outros assuntos que, embora não figurassem como temáticas a serem abordadas na disciplina, acabaram sendo relevantes para a formação desses futuros professores.

A atividade que, a priori, seria apenas para iniciar a atividade do dia e para checar se, de fato, as histórias faladas numa língua inventada permitiam leituras que perpassavam a história pessoal do ouvinte/espectador, acabou por ganhar outra dimensão, apontando para mais uma possível aplicação das histórias do canal. Também comprovou que, independente da idade, se criança ou se adulto, a imaginação do indivíduo é alimentada por suas experiências pessoais. Meu intuito a partir de então é produzir mais histórias dentro dessa vertente, sem texto falado em português e com margem para amplas interpretações.

Caminhando para a conclusão, gostaria de compartilhar com o leitor algumas reflexões impulsionadas por questionamentos levantados por estudantes - os melhores mestres que um professor pode ter. Eles me indagaram: O que mudou na ação de contar histórias diante de uma câmera? A experiência do canal *youtube* interferiu na prática de contar histórias ao vivo? E na prática docente? Não seria incoerente ter criado e difundido histórias por meio de um canal do *youtube* ao ser alguém que prioriza o corpo, a presença, o contato com o outro?

Desde o início das gravações, a tensão entre realidade *versus* virtualidade se apresentava como uma questão. As primeiras gravações foram difíceis, pois não era evidente contar histórias sem um público diante de si, sem crianças nem adultos, apenas com câmeras sustentadas por seus respectivos tripés. As primeiras gravações se assemelharam a um ensaio geral, ou seja, aquele momento que antecede a estreia de uma obra em que atores, dançarinos, músicos e técnicos fazem o espetáculo para valer, do início ao fim, sem cortes nem paradas, porém, apenas para diretor, fotógrafo e assistentes. As gravações tinham esse aspecto.

Identifiquei que, ao se gravar sem público, fica-se mais atento à locução e à articulação das palavras. Isso porque não se tem o retorno, por meio das expressões faciais das crianças e dos adultos, quanto à eficiência ou não da narrativa.

A ausência de feedback imediato do público real também acabava por alterar o timing das histórias e isso só era percebido ao assistir os vídeos para preparar a edição final. Algumas histórias que, quando contadas ao vivo, duravam dez minutos, na gravação, não passavam de cinco minutos! Por que essa redução do tempo? Porque o tempo real é diferente do tempo virtual. No tempo real se dá um tempo para as pessoas rirem, para o público perceber a sutileza do gesto, e esse tempo expandido é sentido pelo artista no mesmo instante em que está em cena, seja interpretando, jogando ou contando a história. Esse tempo expandido ocorre para que, conscientemente, o artista “se veja” atuando e, com isso, vá filtrando e adaptando sua ação às respostas de seus interlocutores.

Quanto ao fato de se experiência do canal *youtube* interferiu na prática de contar histórias ao vivo, verifico que algumas histórias só foram possíveis de serem contadas em virtude dos efeitos especiais do vídeo, como “A princesa do Gromelô” e a “Cabeça, ombros, joelhos e pés”. Esta última, uso como um aquecimento da cena, pedindo às crianças que me acompanhem nos gestos. No entanto, as crianças que conhecem o vídeo, pedem a presença do boneco (que algumas chamam de “esqueleto”) o que é impossível. A história da Chapeuzinho Vermelho, que no vídeo do *youtube* foi constituída por diferentes tecidos e em planos elaborados, ao ser contada ao vivo, foi substituída por uma versão mais curta e apenas com a manipulação de tecidos sobrepostos. A ideia do tecido como material de base continuou, porém, exigiu alguns laboratórios e ensaios até a configuração final.

Buscando responder a indagação dos estudantes quanto ao corpo e à presença, afirmo que, de fato, ao gravar, não tenho público ao vivo diante de mim, porém ao ver a quantidade de visualizações de uma história e as mensagens de pais e de crianças sobre as mesmas, fico feliz de ver que as histórias ganharam o mundo e conseguiram (e conseguem) abranger muito mais crianças e adultos que conseguiria (e consigo) em uma única apresentação, seja em sala de aula seja em um evento.

A virtualidade das histórias do canal gerou a acessibilidade das mesmas. Essa acessibilidade permitiu ser conhecida e receber convites inusitados. Também permitiu ousar e aceder outros ambientes. Assim, do corpo virtual ao corpo real, levei histórias ao vivo para lugares bem distantes, como uma escola rural no Saco do Mamanguá, no Estado do Rio de



Janeiro, por exemplo. Nessa escola, o acesso é exclusivamente por barco, a eletricidade é temporária, gerada por placas solares e não há Internet disponível. A sala é multi-seriada e uma única professora trabalha com crianças do primeiro ao quinto ano. Abaixo, (Fig. 2) um registro fotográfico dessa visita que foi um dos mais belos cenários em que contei uma história!

Então, quando alguém pergunta, até onde ir? Respondo: Até onde a imaginação permitir.



Figura 2: Contando histórias com tecidos na E.M. Domingos Gonçalves de Abreu, Paraty, RJ em 16 de fevereiro 2017.

## Referências

ARCHANGELO, Ana; CHEVBOTAR, Aletéia. Algumas considerações sobre a difícil tarefa de se tornar um professor contador de histórias. In: AYOUB Eliana, PRODÓCIMO Elaine, PRADO Guilherme do Val Toledo (Org.). **Experiências e reflexões sobre a formação docente** - (Coleção formação docente em diálogo. v. 4) PIBID-UNICAMP. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. 112 p.

BETELLHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2002

DECICO, Cristina. **O encanto do encontro: o jogo de faz de conta nas relações de ensino**. 2006. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LEIRIA, Livia. **Palavra, corpo e presença: a arte do professor contador de histórias**. 2011. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

OSSONA, Paulina. **A educação pela Dança**. São Paulo. Editora. Summus, 1988.

SANTOS, Tânia. **Narrativa e dramatização nos entrelugares da educação infantil**. 2012. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

STRAZZACAPPA (ORG.). **Era uma vez uma história contada outra vez**. Campinas: Editora Librum, 2013.

UNICAMP. Faculdade de Educação. **Boletim Notícias**. <https://www.fe.unicamp.br/pesquisa/noticias/1-2-3-qual-a-historia-desta-vez> . Acesso em: 10 de abr. 2017.

YOUTUBE: <https://www.youtube.com/channel/UckWatrg9NSaOCtkJeloLLKw> . Acesso em: 10 de abr. 2017.